

O vício e a virtude

por Mário Soares

Al Gore teve o incontestável mérito de chamar a atenção mundial para o aquecimento da terra, em virtude do efeito de estufa, produzido pelas emissões de gás de dióxido de carbono. Muitos outros antes de Al Gore, ecologistas reputados e organizações ambientais tinham, dramaticamente, advertido para o risco enorme, porventura mesmo fatal para a biodiversidade – e para a própria humanidade – se não forem tomadas medidas rápidas para reduzir radicalmente as emissões de CO₂. Daí resultou o chamado Protocolo de Quioto, que o presidente Clinton chegou a querer subscrever mas que o seu sucessor, George W. Bush, resolveu, desde o início do seu primeiro mandato, não assinar. Note-se que os Estados Unidos da América são o principal poluidor mundial logo seguidos da República Popular da China. O que aumentou – e muito – o afrontoso escândalo de puro egoísmo dessa recusa.

Entretanto, a passagem dos anos veio demonstrar o perigo das alterações climáticas, que começaram a ser sentidas em todos os Continentes. O degelo acentuado das calotas polares, tanto no ártico como no antártico, que estão a aumentar o volume das águas oceânicas e a invadir zonas costeiras, o surgimento de tufões e tsunamis, devastadores e altamente mortíferos, como Katrina, em Nova Orleães e no Índico, no Bangladesh, na Tailândia, no Bali (Indonésia), etc., tornaram evidente, à escala mundial, a necessidade de tomar medidas urgentes.

A Senhora Merkel, chanceler da Alemanha e Presidente em exercício da União Europeia, até 30 de Junho próximo, empenhou-se – e muito bem – em convencer os seus parceiros europeus para, na próxima Cimeira, darem o exemplo ao Mundo das medidas a tomar. Eis senão quando, o presidente Bush, muito pressionado interna e externamente, resolveu tirar um coelho da cartola: anunciou, unilateralmente, que irá propor, na próxima reunião do G8, que terá lugar na Alemanha, em Heiligendamm, a realização de um encontro nos Estados Unidos, com os quinze Estados mais poluentes do Planeta, para chegarem a um acordo voluntário sobre a redução do 50% das emissões em 2050, tomando como referência o ano de 1990.

Assim, afastou com uma proposta vaga – e não vinculativa – para 2050 as esperanças da Senhora Merkel de conseguir fazer aprovar já na próxima reunião do G8 a proposta europeia vinculativa para serem reduzidas, desde já, as emissões com efeito de estufa que produzem o aquecimento global.

Bush, portanto, lançou uma operação estratégica de grande aparato publicitário com o objectivo de ser a América – o maior país poluidor do universo – a retomar a iniciativa. Propõe-se reunir os quinze maiores países poluidores, entre os quais a China e a Índia, no próximo Outono, na América, para uma negociação global que substituísse o Protocolo de Quioto, válido até 2012. Tony Blair, coo de costume, achou que a proposta de Bush representava um “grande passo em frente”. Mas o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, curiosamente – e bem – manifestou reservas e críticas, embora achasse que a proposta de Bush “ia na boa direcção”.

Obviamente, as associações ambientalistas, americanas e radicadas noutros países, denunciaram o facto de Bush propor “discussões sobre os objectivos a longo prazo”, quando a grave situação em que nos encontramos reclama “medidas obrigatórias e urgentes”.

O caricaturista Pancho no Le Monde caracterizou bem a nova estratégia americana, com duas caricaturas de Bush. Na primeira diz: “Os Estados Unidos não diminuirão as suas emissões de gás com efeito de estufa!” E na segunda: “Mas, em troca, imporão o seu veto a toda a tentativa de reaquecimento climático”. Em suma, como se diz em bom português a iniciativa de Bush representa “o tributo do vício à virtude”...

Mário Soares

Lisboa, 4 de Junho de 2007